

A SIGNIFICÂNCIA DA ESCOLA NO DESENVOLVIMENTO DOS PROCESSOS MENTAIS SUPERIORES

Gislene de FREITAS

GT3 – Formação de Professores

Resumo: Texto de revisão teórica embasado no referencial teórico dos autores VYGOTSKY (1994) e LURIA (1990) e utilizado como fundamento para a compreensão do desenvolvimento dos processos mentais superiores, processos esses de suma importância para o aprendizado formal. A falta de compreensão dos motivos pelos quais os alunos demonstravam grande dificuldade em fazer uso de pensamento formal quando solicitados para realizarem trabalhos teóricos nas atividades em sala ou avaliativos desencadeou a necessidade de realizar uma pesquisa bibliográfica que pudesse fundamentar e explicar os problemas enfrentados na prática pedagógica. Desse modo, como resultado dessa pesquisa, o referencial teórico de Vygotsky e de seu colaborador Luria tornou-se suporte para a compreensão e explicação de tais problemas. Vygotsky ao dar ênfase às interações socioculturais na formação das estruturas cognitivas e ao correlacioná-las às questões psicológicas concretas explicou a transformação dos processos psicológicos elementares em processos complexos. Compreende-se, assim, a relevância teórica que os estudos realizados por Vygotsky têm na área da educação, por nos permitir, à luz de seus pressupostos, refletir sobre a prática pedagógica do educador e a partir dessa reflexão superar os problemas de aprendizagem enfrentados constantemente em sua prática.

Palavras-chave: Escola, Processos, Mentais, Superiores

A teoria histórico-cultural tem em Vygotsky seu principal expoente, mas com sua morte precoce aos trinta e seis anos de idade, em 1934, sua teoria foi sendo rediscutida e sistematizada por seus seguidores, como Alexander R. Luria. Uma das principais investigações de Vygotsky e seus colaboradores refere-se ao que chamamos de Funções Mentais Superiores – ou Funções Psicológicas Superiores. Vygotsky tem como um de seus pressupostos básicos a ideia de que o ser humano se constitui enquanto tal na relação com o outro, onde a cultura se torna parte da natureza humana, moldando seu funcionamento psicológico, ao longo do seu desenvolvimento. Essa ideia fundamenta-se no materialismo histórico-dialético de Marx. “De acordo com Marx, mudanças históricas na sociedade e na vida material produzem mudanças na ‘natureza humana’ (consciência e comportamento)” afirmou Vygotsky (1994, p. 9).

Assim as funções psicológicas superiores são construídas ao longo da história social do homem, mediadas pelos instrumentos e signos construídos culturalmente. Vygotsky (1994) enfatiza a afirmação de que o ambiente social e não social propicia o desenvolvimento de várias funções mentais superiores, por isso mesmo o desenvolvimento mental deve ser visto como um processo histórico. Segundo Oliveira (1992), Vygotsky também rejeitou a ideia de funções mentais fixas e imutáveis. Ao contrário, trabalhou com a noção de cérebro aberto onde a plasticidade é essencial para o cérebro servir a novas funções sem que aconteça necessariamente transformações no órgão físico.

Uma questão central para a compreensão das postulações de Vygotsky sobre o funcionamento psicológico como processo sócio-histórico é a questão da mediação. “Mediação em termos genéricos, é o processo de intervenção de um elemento intermediário numa relação; a relação deixa de ser direta e passa a ser mediada por esse elemento” segundo Oliveira (2010, p.36). O homem, enquanto sujeito ao conhecimento, não tem acesso direto aos objetos, mas mediado, ou seja, através dos recortes do real operados pelos sistemas simbólicos de que dispõe.

A capacidade que o ser humano tem de pensar em objetos ausentes, imaginar eventos nunca vividos, planejar ações e serem realizadas em momentos posteriores refere-se ao processo de representação mental. Essa capacidade de lidar com representações mentais é que faz com que o homem transcenda o tempo e o espaço presentes, pois o homem ao operar mentalmente sobre o mundo supõe a existência de algum tipo de conteúdo mental de natureza simbólica. E é essa operação com sistemas simbólicos - e o consequente desenvolvimento da abstração e da generalização - que permite esse tipo de atividade psicológica superior a qual não seria possível sem esses processos de representação. Esse é um aspecto que a ideia de mediação nos remete.

O outro se refere aos sistemas simbólicos que se interpõem entre sujeito e objeto de conhecimento onde estes tem origem social. Isso significa que a cultura fornece ao indivíduo os sistemas simbólicos - a linguagem, sistema simbólico básico de todos os grupos humanos - e por meio deles permite interpretar a realidade. Essa interpretação só é possível porque o indivíduo ao longo de seu desenvolvimento internaliza (reconstrução interna de uma operação) formas de comportamento culturalmente dados. E ao internalizar as atividades externas, os processos interpessoais (interpsicológico) vão transformando-se em atividades internas e processos intrapessoais (intrapicológico).

Assim podemos entender que,

a linguagem é o elemento mais decisivo na sistematização da percepção; na medida em que as palavras são, elas próprias, produto do desenvolvimento sócio-histórico, tornam-se instrumentos para a formulação de abstrações e generalizações e facilitam a transição da reflexão sensorial não-mediada para o pensamento mediado, racional. Ele afirmava, portanto, que o ‘pensamento categorial’ e a ‘orientação abstrata’ são consequências de uma reorganização fundamental da atividade cognitiva que ocorre sob o impacto de um fator novo, social - uma reestruturação do papel que a linguagem desempenha na determinação da atividade psicológica. (LURIA, 1990, p. 67).

Desse modo podemos perceber a importância para o desenvolvimento dos processos mentais superiores a transformação da atividade que utiliza signos. Todas as funções superiores originam-se das relações reais entre indivíduos humanos, primeiramente, no nível social, e, depois, no nível individual. O processo de internalização é, assim, fundamental no desenvolvimento do funcionamento psicológico humano. Como a relação do homem com o mundo não é uma relação direta e sim mediada, Vygotsky distinguiu dois tipos de elementos mediadores: o instrumento e os signos.

A importância dos instrumentos e do signo para resolver um problema quer de ordem prática, quer de ordem psicológica foi destacada por Vygotsky. A diferença mais essencial entre signo e instrumento consiste nas diferentes maneiras com que eles orientam o comportamento humano. Os instrumentos, porém, são elementos externos ao indivíduo, voltados para fora dele, sua função é provocar mudanças nos objetos, controlar processos da natureza. Os signos, por sua vez, são orientados para o próprio sujeito, para dentro do indivíduo, dirigem-se ao controle de ações psicológicas, seja do próprio indivíduo, seja de outras pessoas. Essa ideia fica comprovada por meio dos vários estudos e experimentos feitos por Vygotsky e seus colaboradores, entre eles, o de crianças que utilizavam cartões como marcas externas para a regulação de sua atividade psicológica, ou de utilização de varetas ou pedras para registro e controle de cabeças de gados, sacos de cereais, demonstrando assim como o processo de mediação, por meio de instrumentos e signos, é fundamental para o desenvolvimento das funções psicológicas superiores, distinguindo o homem dos outros animais.

Baseado na tese marxista-lenista, segundo a qual todas as atividades cognitivas humanas fundamentais tomam forma na matriz da história social, produzindo assim o desenvolvimento sócio-histórico, Luria (1990) um dos colaboradores de Vygotsky, tem por

objetivo geral mostrar as raízes sócio-históricas dos processos cognitivos básicos e que a estrutura do pensamento depende dos tipos de atividades dominantes em diferentes culturas. Partindo dessas premissas, Luria (1990, p.15) diz que “o pensamento prático vai predominar em sociedades caracterizadas pela manipulação prática de objetos e que formas mais ‘abstratas’ de atividade ‘teórica’ em sociedades tecnológicas onde vão induzir a pensamentos mais abstratos, teóricos”.

Os processos mentais superiores que caracterizam o pensamento tipicamente humano - ações conscientemente controlados, atenção voluntária, memorização ativa, pensamento abstrato, comportamento intencional - são processos mediados por sistemas simbólicos. Como a linguagem é o sistema simbólico de todos os grupos humanos, a questão do desenvolvimento da linguagem e suas relações com o pensamento ocupa lugar central na obra de Vygotsky. (OLIVEIRA, 2010, p.42)

Por ser fator de interação social, a linguagem tem várias funções importantes que ela desempenha na vida humana. Vygotsky trabalha basicamente com duas funções. A principal dentre elas é a de intercâmbio social. É justamente pelo fato de ser ela fator de interação social, é ela que permite ao homem a troca de informações e experiências propiciando a comunicação com seus semelhantes. Essa necessidade de comunicação é que impulsiona, inicialmente, o desenvolvimento da linguagem. Assim, a linguagem permite também que as conquistas alcançadas ao longo de milhares de anos sejam assimiladas pelos indivíduos.

Mas para que esse intercâmbio social ocorra é preciso que o homem crie formas mais sofisticadas de comunicação, não basta que a pessoa se manifeste seus estados gerais de comportamento. É necessário que se crie signos compreensíveis para serem compartilhados entre as pessoas. Para tanto, a palavra, um dos signos enquanto instrumento psicológico seja ela oral ou escrita é utilizada para traduzir ideias, sentimentos, vontades, pensamentos de forma bastante preciso. É essa forma de comunicar que gera a segunda função importante da linguagem: a de pensamento generalizante. Pois também é por meio da linguagem que o indivíduo pode abstrair as propriedades e características fundamentais das coisas e eventos a que se referem. Com isso, torna possível relacionar elementos entre si e agrupá-los em uma mesma categoria conceitual.

Ao utilizarmos as palavras “cachorro” e “cadeira” não nomeamos apenas um certo cachorro e uma certa cadeira. Ao contrário, representam todos cachorros e todas cadeiras independentes de seus aspectos exterior (altura, peso, forma, conformação física) e do

significado que estas palavras trazem para cada usuário que compartilham da língua portuguesa. A este fato dá-se o nome de generalização. É por meio da linguagem, portanto, que se passa do nível dos sentidos ao nível do racional, possibilitando a formação do pensamento abstrato e lógico. “A capacidade de se mover livremente, de mudar de uma categoria para outra é uma das características principais do ‘pensamento abstrato’ ou do ‘comportamento categorial’ essencial a ele” segundo Luria (1990, p. 66).

É essa função de pensamento generalizante que torna a linguagem um instrumento do pensamento: a linguagem fornece os conceitos e as formas de organização do real que constituem a mediação entre o sujeito e o objeto do conhecimento. A compreensão das relações entre pensamento e linguagem é, pois, essencial, para a compreensão do funcionamento psicológico do ser humano. (OLIVEIRA, 2010, p. 43).

As postulações de Vygotsky sobre a importância dos fatores histórico-sociais no desenvolvimento das funções psicológicas superiores apontam para a particular importância da instituição escolar nas sociedades letradas, pois os procedimentos de instrução deliberada que nela ocorrem são fundamentais na construção dos processos psicológicos dos indivíduos dessas sociedades.

Durante o estudo realizado nas regiões (Uzbequistão e Quirquistão) da Ásia Central, Luria e o grupo de pesquisadores que o acompanhou, fizeram vários tipos de tarefas ao longo das entrevistas com as pessoas que residam nessas regiões.

Das tarefas apresentadas houve um grupo de sujeitos, os analfabetos e os camponeses, que nunca haviam tido algum tipo de escolarização, onde estes realizaram as tarefas não de acordo com princípios verbais e lógicos, mas de acordo com esquemas práticos.

Ao contrário desses sujeitos, havia outro grupo mais escolarizado e mais envolvido em situações de trabalho coletivo (ativistas das fazendas, mulheres na escola de professores). Estes tiveram um comportamento mais sofisticado, por terem sofrido alterações fundamentais na atividade psicológica acompanhada por um processo de alfabetização e escolarização e por mudanças nas formas básicas de trabalho.

Quando muda o padrão de vida e se ampliam as dimensões da própria experiência, quando eles aprendem a ler e a escrever, a ser parte de uma cultura mais avançada, esta maior complexidade de sua atividade estimula novas ideias. Tais modificações, por sua vez, ocasionam uma reorganização radical de seus hábitos de pensamento, de modo que eles aprendem a usar e

compreender o valor de procedimentos teóricos que anteriormente pareciam irrelevantes. (LURIA, 1990, p.107).

Isso acontece porque a instrução formal permite uma alteração na natureza da atividade cognitiva, ou seja, facilita a transição do pensamento prático para o pensamento teórico, de modo que pessoas que adquirem instrução formal fazem uso cada vez mais frequente da categorização para exprimir ideias que refletem objetivamente a realidade, forma de pensamento tipicamente humano.

Através da educação formal e da criação simultânea de atividades “teóricas” especiais é possível a formação de um aparato lógico mais complexo, permitindo assim, conclusões, não a partir das experiências gráfico-funcionais imediatas, mas da aquisição de novos conhecimentos de um modo discursivo e logico-verbal. E é justamente este fato que torna possível a transição da consciência sensorial para a racional.

Luria (1990) em suas investigações mostra a importância do aprendizado no desenvolvimento do pensamento quando, submete o indivíduo a tarefas que exigem dele a utilização de operações hipotéticas e teóricas, e este demonstra claramente uma facilidade de trabalhar com estas operações.

É de considerável interesse notar que essa mudança e a capacidade de realizar operações ‘teóricas’ do pensamento forma, discursivo e lógico aparece depois de relativamente pouco tempo de instrução escolar. A significância da escolaridade está não somente na aquisição de novos conhecimentos, mas também na criação de novos motivos e modos formais de pensamento verbal, discursivo e lógico divorciado da experiência prática imediata. (LURIA, 1990, p. 178).

Essa última ideia de Luria a respeito de como a escola ajuda o indivíduo a, não só adquirir novos conhecimentos, mas realizar o pensamento conceitual onde para tal, tem-se que utilizar das operações teóricas, nos revela as contribuições significativas do papel da escola no desenvolvimento cognitivo naquela interação. É que a intervenção pedagógica pode provocar avanços que não ocorreriam espontaneamente. É o caso, por exemplo, dos analfabetos e dos camponeses sem contato com algum tipo de escolarização. O aprendizado recebido por meio de uma escolarização desperta processos de desenvolvimento interno do indivíduo lhe permite a aquisição da leitura e da escrita.

Na escola, as atividades educativas, diferentes daquelas que ocorrem no cotidiano extra-escolar, são sistemáticas, têm uma intencionalidade deliberada e compromisso explícito (legitimado historicamente) em tornar acessível o conhecimento formalmente organizado. (REGO, 1995, p. 104)

Portanto, estes só podem ocorrer quando o indivíduo interage com outras pessoas. O percurso do desenvolvimento humano se dá “de fora para dentro”, por meio da internalização de processos interpsicológicos. A escola, enquanto agência social explicitamente encarregada de promover o aprendizado das crianças e jovens das sociedades letradas, tem um papel essencial na promoção do desenvolvimento psicológico dos indivíduos.

O processo de ensino-aprendizagem que ocorre na escola propicia o acesso dos membros imaturos da cultura ao conhecimento construído e acumulado pela ciência, pois uma pessoa capaz de pensamento abstrato reflete o mundo externo mais profunda e completamente e chega a conclusões tomando por base não só a sua experiência pessoal, mas também os esquemas de pensamento lógico que objetivamente se formam em um estágio avançado do desenvolvimento da atividade cognitiva.

No momento em que Vygotsky dá uma grande importância ao espaço escolar por se tratar do lugar que há atuação dos outros membros do grupo social na mediação entre a cultura e o indivíduo e na promoção dos processos interpsicológicos que serão posteriormente internalizados, a intervenção pedagógica do professor tem, pois, papel central na trajetória dos indivíduos que passam pela escola. Uma vez que a preocupação básica de todo professor é a aprendizagem do aluno, podemos entender, à luz da teoria sócio-histórica, como as funções psicológicas superiores são mediadas pela ação do professor.

Quando Vygotsky afirma que o aprendizado desperta os processos internos de desenvolvimento, ele nos mostra que o aprendizado tem um papel no curso do desenvolvimento. Essa ideia rompe com a posição teórica de que aprendizagem se arrasta atrás do desenvolvimento ou que o desenvolvimento sempre se adianta ao aprendizado. De acordo com essa concepção o desenvolvimento não é visto como resultado do aprendizado de modo que o primeiro permaneça inalterado pelo impacto da aprendizagem. Assim para Vygotsky (1994, p.117) “o ‘bom aprendizado’ é somente aquele que se adianta ao desenvolvimento”. A aprendizagem, nesse sentido, antecipa o desenvolvimento intelectual ao invés de segui-lo ou ser com ele coincidente.

Desse ponto de vista, aprendizagem não é desenvolvimento; entretanto, o aprendizado adequadamente organizado resulta em desenvolvimento mental e põe em movimento vários processos de desenvolvimento que, de outra forma, seriam impossíveis de acontecer. Assim, o aprendizado é um aspecto necessário e universal do processo de desenvolvimento das funções psicológicas culturalmente organizadas, e especificamente humanas (VYGOTSKY, 1994, p.118).

Os processos internos de desenvolvimento, por sua vez ocorrem como efeito do aprendizado, se o indivíduo interagir com certas situações sociais, caso contrário, não seria possível tal desenvolvimento. Se aprendizado provoca desenvolvimento, quanto mais o professor, por meio de sua prática, propiciar situações de ensino-aprendizagem onde se exija do aluno o uso constante do pensamento formal, mais estará propiciando o desenvolvimento mental do aluno, isto é, o desenvolvimento das suas funções psicológicas superiores. Podemos aplicar essa ideia na análise da prática pedagógica do professor. Se Luria (1990) afirma em sua pesquisa que o desenvolvimento dos processos mentais tem suas raízes nos aspectos sócio-históricos e que, portanto a estrutura do pensamento depende das atividades predominantes no ambiente social do qual o indivíduo participa, então podemos questionar: Que tipo de atividades predomina em sua prática? A utilização constante de pensamento complexo e abstrato, por parte dos alunos, abre espaço para novas formas de pensamento formal, tão necessário ao aprendizado.

Para ocorrer realmente aprendizagem, necessário se faz que o professor medeie a interação entre o aluno e o meio social (a cultura, os conhecimentos elaborados pela humanidade, etc.) e por meio dessa interação promova o questionamento, o pensamento crítico, a fala, enfim, garanta um ensino visando a construção do conhecimento. O aprendizado, assim, possibilita o despertar de processos internos de desenvolvimento, pois o desenvolvimento das funções psicológicas superiores implica na utilização desse tipo de pensamento. Ora, ao colocar em destaque o papel da escolarização e ao questionar a qualidade das relações interpessoais que ocorrem em seu interior, a abordagem teórica de Vygotsky ganha uma dimensão política que a torna bastante atual e justifica o enorme interesse suscitado por seus trabalhos no âmbito educacional entre nós.

Referências

LURIA, Alexander Romanovich. *Desenvolvimento cognitivo: seus fundamentos culturais e sociais*. São Paulo: Ícone, 1990.

OLIVEIRA, Marta K. de. Vygotsky e o processo de formação de conceitos. In: LA TAILLE, Yes de. *Piaget, Vygotsky e Wallon: teorias psicogenéticas em discussão*. São Paulo: Summus, 1992.

_____. *Vygotsky: Aprendizado e desenvolvimento Um processo sócio histórico*. São Paulo: Scipione, 2010.

REGO, Teresa Cristina. *Vygotsky – Uma perspectiva histórico-cultural da educação*. Petrópolis: Vozes, 1995.

VYGOTSKY, L.S. *A Formação Social da Mente*. São Paulo: Martins Fontes, 1994.